



**Trocando, Exchanging,
movendo, moving,
traduzindo: translating:
pensamentos thoughts
sobre on
dança e dance and
deficiência disability**

Organizado por / Edited by
Carla Vendramin
Hetty Blades
Kate Marsh
Sarah Whatley

UFRGS - Universidade de Coventry - British Council Brasil
UFRGS - Coventry University - British Council Brazil





AUTORES / AUTHORS

Aline Nogueira Haas

Carla Vendramin

Carolina Teixeira

Cibele Sastre

Hetty Blades

Kate Marsh

Magda A B C Bellini

Marcela dos Santos Delabary

Marcio Pizarro Noronha

Rebeca Gimenes Donida

Sarah Whatley

Silvia Susana Wolff

Organização / Edited by:

Carla Vendramin

Hetty Blades

Kate Marsh

Sarah Whatley

Desenho da capa / Cover drawing:

Marcelo Monteiro

Tradução / Translation:

Carla Vendramin

Consuelo Valandro

Francisco Araujo da Costa

Mariana Bandarra

Diagramação / Layout:

Alyne Rehm

Editora / Publishing:

UFRGS / Coventry University

CIP - Catalogação na Publicação

Trocando, movendo, traduzindo: pensamentos sobre dança e deficiência
| Exchanging, moving, translating: thoughts on dance and disability. Carla
Vendramin, Hetty Blades, Kate Marsh, Sarah Whatley (orgs.) – Porto Alegre:
UFRGS, 2019.

421 p.

ISBN: 978-85-9489-179-2

CC BY 4.0

E-book

1. Dança/Dance. 2. Movimento/ Movement. 3. Deficiência/ Disability. I.
Vendramin, Carla, org. II. Blades, Hetty, org. III. Marsh, Kate, org. IV.
Whatley, Sarah, org. V. Título / Title.

Elaborada pela equipe da Biblioteca da ESEFID UFRGS

DANÇA E DEFICIÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL: PROCESSOS E REGISTROS SOBRE UM CAMPO DE CONHECIMENTO E ATUAÇÃO EM EXPANSÃO

Carla Vendramin
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Este artigo tem a finalidade de observar e registrar o desenvolvimento da prática de dança e dos processos envolvendo pessoas com deficiência através da trajetória de projetos realizados por mim no período entre os anos de 2011 e 2018 e de ações de extensão realizadas nos cursos de graduação em dança de universidades do Rio Grande do Sul. Para esta pesquisa, além do relato de experiência, foram consultadas documentações dos projetos e seus relatórios, documentos de registro dos processos, links de vídeos e de web. Para a captação de informações sobre os projetos das universidades foram realizadas entrevistas com as coordenadoras dos cursos de dança e com as coordenadoras dos próprios projetos em questão.

A definição de deficiência encontra uma variação de prerrogativas e termos que se referem ao escopo em que se encontram os modelos conceituais, cujo emprego, no contexto das artes, varia também de acordo com as perspectivas individuais dos artistas e com as perspectivas construídas por diferentes coletivos. Constitucionalmente, no Brasil, o Modelo Social da Deficiência foi adotado com o decreto nº 186 de 2008, a partir da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência¹ realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) (DINIZ, 2009). Borges (2018) indica que a compreensão do fenômeno da deficiência no Brasil é influenciada pelas distintas fases pelas quais as políticas públicas passaram. Os modelos conceituais foram sendo discutidos a partir

¹ Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaopessoascomdeficiencia.pdf>> Acesso em: 13/01/2019.

das classificações e dos estudos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e passaram pelas fases caritativa, biomédica e social, interpostas por disputas políticas e sociais.

A compreensão da deficiência demanda uma abordagem que não se restrinja ao fator biológico e que leve em consideração o contexto social, os fatores individuais e os fatores estruturais. A Convenção da ONU trouxe um novo ordenamento jurídico com status constitucional, reconhecendo a deficiência como um conceito em evolução. O Modelo Social dimensiona a deficiência como resultado da interação entre pessoas com deficiência com barreiras encontradas no ambiente e nas atitudes, impedindo, assim, a plena participação social e a igualdade de oportunidades. A disputa entre os modelos conceituais no Brasil reflete diferentes cenários e ideias de políticas públicas que transitam na área das ciências humanas e das ciências exatas e que são dependentes de escolhas e abordagens de acordo com os lugares que elas ocupam (BORGES, 2018).

As informações encontradas na ferramenta online Resilience and Inclusion², desenvolvida pela Universidade de Coventry/C-Dare (Centro de Pesquisa em Dança), reconhece que existem muitos debates sobre como deficiência é entendida culturalmente, sendo que os modelos médico e social são os mais frequentemente discutidos. A ferramenta apresenta as seguintes variações sobre como deficiência pode ser vista: Modelo Religioso ou Moral; Modelo de Caridade ou de Tragédia; Modelo Médico/Individual de Inferioridade Biológica ou Limitação Funcional, Modelo Profissional ou Especialista; Modelo de Reabilitação; Modelo Econômico; Modelo Social ou de Grupo Minoritário; Modelo Baseado em Direitos; Modelo de Empoderamento ou de Clientela; e Modelo Afirmativo.

A realização de processos e trabalhos artísticos e educacionais na dança frequentemente se depara com um raso conhecimento sobre o tema deficiência e com pouca familiaridade por parte da maioria das pessoas, sendo comum ocorrer um enclausuramento em conceitos ultrapassados e em estigmas socialmente operantes. É preciso ampliar o entendimento de que deficiência não é um conceito fixo assim como conhecer sua multiplicidade e sua complexidade. A percepção sobre deficiência é

² Resilience and Inclusion. Disponível em: <<https://openmoodle.coventry.ac.uk/mod/page/view.php?id=19253>> Acesso em: 13/01/2019.

relativa aos modelos conceituais apresentados acima. Na dança ela ainda é plural de acordo com o contexto, com os discursos de artistas independentes, com as variações de escolhas estéticas e metodológicas destes e de grupos mistos e específicos, com os posicionamentos políticos e com os resultados cênicos decorrentes segundo uma série de condições. Existem questões e processos relacionados a dançarinos com deficiência cuja especificidade somente eles mesmos podem discutir através da experiência de seus corpos, como, por exemplo, os registros de Kate Marsh, Ellie O'Brien e David Toole na ferramenta online Resilience and Inclusion sobre seus processos de criação e sobre situações enfrentadas como artistas; a estética da experiência e da impossibilidade discutida por Carolina Teixeira (2010, 2015, 2016); o corpo perturbador de Eduardo Oliveira³; e o Manifesto Anti-Inclusão de Estela Lapponi⁴.

Os projetos realizados por mim que serão expostos aqui discutem questões referentes ao desenvolvimento do trabalho em dança com grupos mistos, a situações sociais que são enfrentadas, aos processos artísticos e às estratégias para conquistar espaço. Além disso, os outros projetos realizados nas universidades do RS desenvolvem um papel educacional importante na formação em dança e no desenvolvimento de discursos e processos referentes a questões sobre deficiência. O presente texto é dividido em três partes: primeiramente, apresenta alguns procedimentos de consolidação vivenciados em minha trajetória; em seguida, o percurso dos projetos desenvolvidos; e, por último, as ações nas universidades do RS.

MOVIMENTO DE ENRAIZAMENTO E IRRUPÇÃO À SUPERFÍCIE

O meu interesse e o início do meu envolvimento com processos de dança com pessoas com deficiência se deu quando conheci Rosângela Bernabé em um congresso realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em 1992, ainda quando eu era estudante do curso de fisioterapia da Faculdade de Ensino Superior do Vale (FEEVALE), em Novo Hamburgo/RS. Rosângela

³ Disponível em: <<http://ocorpoperturbador.blogspot.com/p/os-perturbados.html>>. Acesso em: 14/01/2019.

⁴ Disponível em: <<http://estelapponi.blogspot.com/2012/05/anti-inclusao-manifesto.html>>. Acesso em: 14/01/2014.

foi pioneira no Brasil, iniciando um trabalho de dança com cadeirantes e realizando apresentações com a dançarina Renata Carvalho. Depois, outras tantas pessoas foram fazendo parte do meu corpo de experiência e também foram carinhosamente guardadas no coração de minha memória, em ordem cronológica, até 2012: Henrique Amoedo, Luis Ferron, Stine Nilson, Suzie Cox, Victoria Malin, Kirstie Richardson, Elionor Baker, Christian From, Adam Benjamin, Christian Panouillot, Julie Cleves, Kimberley Harvey, Luke Pell, Charlene Low, Rebecca Swift, Mickaella Dantas, Carolina Teixeira, Eduardo Oliveira, Estela Lapponi, Neca Machado e Paola Banone. A dança, para mim, reverbera uma série de significados. Um dos mais importantes é o de que ela me dá um continente e um contingente, um modo de viver no mundo e de me relacionar nele, e, por isso, reverencio todas as pessoas que foram fazendo parte dessa trajetória.

Minha mudança para o Reino Unido, em 2004, fez com que eu entrasse em contato com as políticas das pessoas com deficiência e com os Estudos da Deficiência, os quais eram desconhecidos por mim na época. O contato com esses saberes e a experiência que tive participando de vários projetos no Reino Unido fizeram com que eu voltasse grande parte do meu trabalho na dança aos processos artísticos de criação e docência com grupos mistos. Após sete anos em que vivi em um ambiente onde tantas experiências me levavam a questionar definições herméticas sobre dança e sobre deficiência, onde vi exposta a estátua de Alison Lapper *Pregnant*⁵, em Trafalgar Square (Millett-Gallant, 2010), acompanhei e assisti a todos os trabalhos da Candoco⁶ e também trabalhei na equipe educacional da companhia, vi a performance *Sacre - The Rite of Spring*, de Raimund Hoghe, no Spill Festival⁷ e outras tantas outras performances e trabalhos de dança, voltei a Porto Alegre em 2011 com o projeto *Perspectivas: Instalações Coreográficas*.

Quando realizei esse projeto eu não conhecia a real dimensão sobre como seria impactante aquela nova mudança de realidade para mim e de como seria essa experiência para Julie Cleves, que partilhava comigo o processo criativo desde Londres.

⁵ Disponível em: <<http://marcquinn.com/artworks/alison-lapper>>. Acesso em: 04/01/2019

⁶ Disponível em: <<http://www.candoco.co.uk>>. Acesso em: 04/01/2019.

⁷ Disponível em: <<https://spillfestival.com/show/sacre-the-rite-of-spring/>>. Acesso em: 05/01/2019.

Precriedade de acessibilidade estrutural existe em todos os hemisférios do planeta e não só no Brasil, porém, além dos constrangimentos relacionado ao nível dessa precariedade e seus valores conceituais, o que mais me causou disrupção foi perceber uma falta de atitudes e de desejo de aproximação sobre o universo da deficiência, como se fosse possível que ele não fizesse parte da vida em si e, assim, fosse desprovido do primordial direito de existir. A partir desse primeiro projeto entendi que, além do trabalho artístico, eu teria que trabalhar de forma militante na relação social que o envolvia. O contexto me dizia que não seria suficiente pesquisar o trabalho coreográfico, mas que eu teria que realmente pensar em como desenvolver estratégias para que simplesmente o trabalho fosse visto e que houvesse participação, criando, assim, espaço para sua existência. Enquanto o trabalho de dança em si com grupos mistos se mostrou sempre inspirador, o confronto com as questões sociais e o trabalho de uma insistência militante para reforçar um lugar para o campo da dança e deficiência foram sendo absolutamente cansativo ao longo dos anos. O relato a seguir registra as principais ações realizadas no início desse movimento de abertura de espaço em Porto Alegre e sua reverberação na cena da dança.

Nos primeiros dois anos, fomentar a dança com grupos mistos envolveu visitar instituições de pessoas com deficiência e conhecer aquelas que faziam parte de organizações políticas, participando de reuniões do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Porto Alegre (COMDEPA). Propor a participação de pessoas com deficiência em oficinas de dança em um centro cultural era algo não muito comum em Porto Alegre na época. Além das dificuldades de transporte, acompanhamento e comportamentos discriminatórios da sociedade, as próprias pessoas com deficiência tinham uma atitude de auto-segregação. De modo geral, conheciam pouco sobre a dança na forma como eu estava propondo e não se sentiam atraídas por ela ou não acreditavam na sua possibilidade individual de dançar. Existia resistência em saírem fora de suas zonas de conforto e muitas não queriam outras formas de compartilhamento social além dos espaços institucionalizados dos seus grupos específicos. Essa realidade, que ainda se mantém presente, melhorou com o passar dos anos através da popularização dos discursos e das políticas sobre inclusão. A visibilidade que o grupo Diversos Corpos Dançantes atingiu com suas ações durante o percurso dos últimos cinco anos contribuiu para que esse contexto chegasse a novos patamares.

Preocupada em abordar e incorporar a discussão sobre a variação e a transitoriedade das nomeações, eu chamava as primeiras oficinas, ocorridas na Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ), de oficina inclusiva de dança, oficina de dança integrada, dança contemporânea com pessoas com e sem deficiência. Para as oficinas relacionadas ao Projeto Perspectivas (2014), visitei uma série de instituições de pessoas com deficiência⁸ para convidá-las a experimentarem a proposta. Por dois anos pressionei a coordenação do Porto Alegre em Cena, o evento de artes cênicas mais popular da cidade, para que, em 2013, eles trouxessem o grupo Dançando com a Diferença, de direção de Henrique Amoedo, que apresentou o espetáculo Dez Mil Seres. Precisava ser criado um ciclo de apresentações de dança de qualidade e de oficinas onde pessoas com deficiência tivessem a oportunidade de dançar fora da zona de conforto do enquadramento de seus ambientes usuais e onde o público aumentasse suas possibilidades de percepção, incluindo profissionais da dança. Os dançarinos de nível profissional não enxergavam pessoas com deficiência como corpos potentes e instigantes para compartilhar processos criativos em dança. Ao contrário, percebiam-nas como corpos frágeis. Existia uma aversão estética à proposta e um entendimento ligado à ideia de caridade e assistencialismo. Barreiras que ainda estão presentes hoje, porém não mais na mesma frequência. Existia um interesse maior para ministrar aulas para pessoas com deficiência do que para dançar com elas. Em decorrência dessa procura em relação à docência, organizei uma metodologia para professores, propondo discutir conhecimentos que estão implicados em uma prática de dança acessível (VENDRAMIN, 2013).

Através do Colegiado Estadual de Dança do RS, entre 2013 e 2014, puxei as discussões sobre o foco da inclusão e da acessibilidade inseridos no Plano Setorial de Dança do RS⁹. O item 3.7.2 prevê a promoção de acessibilidade a pessoas com deficiência através de políticas geradas pelo diálogo com as mesmas, sendo pautadas a partir do relatório final da Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Inclusão das Pessoas com Deficiência, Nada Sobre Nós Sem Nós, realizada em

⁸ Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência de Funcionários do Banco do Brasil (APABB), o Projeto Rumos, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Associação Gaúcha de Familiares de Pacientes Esquizofrênicos (AGAFAPE), entre outras. No projeto em Caxias do Sul: APAE do local, Escola Estadual João Pratavieira, Centro Hellen Keller, Instituto da Audiovisão (INAV) e Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Visuais (APADEV).

⁹ Disponível em: <<https://ieacen.wordpress.com/colegiados/danca/plano-setorial-de-danca/>>. Acesso em: 18/02/2019.

outubro de 2008, no Rio de Janeiro (AMARANTE; LIMA, 2009). Apesar da existência de um abismo entre as publicações de leis, normas e diretrizes e a falta de execução das mesmas, ao menos minha intenção era de que elas fossem registradas em documentos de órgãos normativos da dança para, através disso, pautarmos nossas reivindicações. Sob direção de Diego Esteves, o Instituto de Artes Cênicas do RS (IEACEN) promoveu o 1º e o 2º Encontro Estadual de Dança, em 2013 e 2014. Nesses eventos, chamei a atenção para o fato que as performances com grupos mistos deveriam fazer parte das programações de dança em geral e não somente das programações de eventos “exclusivos” e “inclusivos” de pessoas com deficiência, mostrando com isso, também, a diferença entre trabalhos assistencialistas, trabalhos terapêuticos e trabalhos artísticos, os quais, a meu ver, deveriam ganhar relevância como obra na cena da dança de Porto Alegre. A segunda edição do Encontro Estadual de Dança, ocorrida em 2014, contou com apresentações de vários grupos que foram chamados de habilidades mistas¹⁰.

Passados cinco anos desde esse evento, em 2018, o Diversos Corpos Dançantes é convidado, pela primeira vez, a participar da programação de abertura de um festival competitivo de dança, o 1º Festival Internacional de Dança de Porto Alegre (FIDPOA)¹¹, uma iniciativa privada idealizada por Carla Bublitz e fomentada pela Escola de Ballet Vera Bublitz. Os participantes do grupo se sentiram lisonjeados com o convite recebido. Eu fiquei muito contente pela iniciativa e principalmente surpresa pelo fato de ela ter partido de um festival competitivo de dança promovido por uma escola de ballet. O DCD já havia dançado nas mostras de dança Gestos Contemporâneos, em 2016, e Espaço N, em 2017. O elemento novo foi participar de um festival com características estética e mercadológica ao qual o grupo ainda não havia entrado em contato e, também, expor-se a um conceito de dança e a um público diferentes. Essa apresentação foi bastante marcante porque, além de ser algo inusitado para os dançarinos, foi a primeira vez em que eu não participei integralmente, pois o grupo passava por um momento em que os participantes tomavam responsabilidades

¹⁰ Diversos Corpos Dançantes, de Porto Alegre; Trupe dos Quatro, de Bento Gonçalves; Le Gatto, de Canoas; Liberdade dos Limites, de Osório; Oficina Poesia Diversa, do Projeto de Descentralização da Cultura de Porto Alegre; L’Aqua, de Caxias do Sul; e o duo de Andrea Braga Beal e Lucas Andrades, de Porto Alegre.

¹¹ Nota sobre a participação do DCD no FIDPOA. Disponível em:

<<http://www.teatrosaopedro.com.br/ballet-vera-bublitz-realiza-o-fidpoa-2018-1o-festival-internacional-de-danca-de-porto-alegre/>> Acesso em: 15/01/2019.

maiores de auto-gestão sob a co-coordenação de Ana Carolina Brondani, Bianca Bueno, Daniel Elizeu Fagundes e Laura Bernardes. O grupo já tinha familiaridade com o Theatro São Pedro, mas enfrentou problemas técnicos de som e dançou com uma música diferente do que havia ensaiado. A postura do grupo mostrou uma atitude profissional e uma presença cênica que vem pautando o trabalho, mostrando, assim, que ele não é diferente de qualquer outro grupo no que se trata dos elementos que devem estar presentes em uma produção artística. O escopo estético do grupo proporcionou uma diferença bastante interessante na programação do festival por apresentar o trabalho de um grupo de dançarinos entre 25 e 60 anos de idade e de diferentes níveis de experiência em dança, não virtuosístico, com uma criação em dança contemporânea pautada no corpo cotidiano, na sensibilidade da escuta do tempo e da escuta do movimento uns dos outros¹².

Acredito que essa experiência tenha trazido desafios para a organização do FIDPOA. Propor-se ao desafio e à inovação é um caminho para encontrar conhecimento e, por isso, a iniciativa foi importante. As mostras e os festivais de dança são lugares que deveriam oportunizar espaços onde a participação de pessoas com deficiência e de grupos mistos fosse fomentada, agindo também como espaços para discussões conceituais, estéticas e artísticas na dança. Por ser algo ainda desconhecido nesses lugares, é preciso criar estrutura e uma cultura de existência para que esse assunto irrompa à superfície e saia do entendimento raso. O ciclo de formação e apreciação da dança deveria ser completado estimulando o aprimoramento da produção artística. Para tanto, é preciso estar atento a não reforçar padrões estigmatizantes, discursos inclusivos medíocres e ações que se aproveitem das políticas de inclusão para auto-promoção. No momento atual, em que tem ocorrido um aumento do número de grupos mistos e de artistas com deficiência na cena assim como um avanço acadêmico na área, dança e deficiência é reconhecida como um campo de conhecimento, e os trabalhos artísticos deveriam estar mais presentes em todas as esferas de atuação da dança.

¹² Apresentação do DCD na abertura do FIDPOA no dia 06 de junho de 2018. Participaram dessa performance os dançarinos: Ana Carolina Brondani, Bianca Bueno, Cleonice Conceição Ferreira, Daniel E. Fagundes, Gessi Lopes, Gustavo Lopes Pinós, Julia Favero, Kate Niedermeir, Miriam Niedermeir, Rogério P. França, Rosane Favero, Rosaura Severo e Tatiana Lima. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FLPYfXELiMA&t=198s>>. Acesso em: 15/01/2019.

CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS, CRIANDO CULTURA E POTENCIALIZANDO COMUNIDADES

A Tabela 1 apresenta os projetos que foram realizados por mim entre 2011 e 2018, os órgãos financiadores, o volume de apoiadores envolvidos e as condições de acessibilidade. Todos os projetos passaram pela Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, com exceção de *Entradas, Saídas e Labirintos*, que foi realizado em Caxias do Sul. Até 2013, os projetos foram fomentados através de editais de artes, municipais (Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística de Porto Alegre - FUMPROARTE e Financiamento da Arte e Cultura Caxiense - FINANCIARTE) e federal (Fundação Nacional de Artes – FUNARTE, Prêmio Klaus Vianna de Incentivo à Dança). Editais como estes tem um papel fundamental para incentivar a cultura e a arte, como é visto também no desenvolvimento dos projetos em questão. Portanto, é preciso registrar que a realidade política brasileira atual tem diminuído o incentivo à cultura, propiciando o desmonte e o enfraquecimento de instâncias ligadas as artes¹³. A Tabela 1 mostra o investimento financeiro promovido pelos editais. De 2011 a 2013, todos os dançarinos assinaram contrato de trabalho respectivo a cada projeto e receberam cachê. Os contratos de trabalho eram feitos com a assessoria do Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões do Rio Grande do Sul (SATED-RS).

O primeiro projeto, realizado em 2011, contou com uma grande gama de apoiadores que foram essenciais para que ele fosse realizado. O centro cultural estadual Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) se manteve como apoiador em todos os projetos provendo o espaço físico para aulas e ensaios. Desde 2011, meu objetivo em insistir que os projetos fossem realizados na CCMQ foi com a intensão de criar uma referência para convivência e a promoção da dança com grupos mistos, propiciando a participação em um centro cultural governamental, pois entendo que deva ser um lugar de primazia no desenvolvimento comunitário e humano através das artes. Com sede na CCMQ, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), através da direção de

¹³ A última data de oferecimento do Prêmio FUNARTE Klaus Vianna foi em 2015, Informação disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-de-danca-klauss-vianna-2015/>>. Acesso em: 13/01/2019. Já o último oferecimento do Edital de Dança FUMPROARTE foi em 2016. Informação disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fumproarte/default.php?p_secao=30>. Acesso: em 13/01/2019. Enquanto a última edição do FINANCIARTE foi em 2017. Informação disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/financiarte/editais-anteriores>>. Acesso: em 13/01/2019.

André Venzon, teve uma participação essencial para o desenvolvimento do primeiro projeto, atuando como apoio institucional. A Associação de Amigos da CCMQ também colaborou com o projeto. Na época, não apenas a acessibilidade estrutural da CCMQ era bastante precária, mas também não existiam recursos e atividades que atraíssem a presença de pessoas com deficiência na casa. O prédio passou por reformas que iniciaram em 2016, porém apenas em 2017, sob a direção de Jessé Oliveira, a CCMQ começou a promover acessibilidade cultural em um plano de atividades anual com uma programação de eventos que promoveu as artes em sua diversidade. O evento Cena Diversa: Edição Cena Acessível aconteceu nos dias 25, 26 e 27 de julho de 2017 e 27, 28 e 29 de novembro de 2018¹⁴. Além disso, recursos de acessibilidade de forma institucional começaram a ser promovidos, como, por exemplo, sessões de cinema com audiodescrição. A Tabela 1 exibe um histórico das ações, que parte de quase nenhuma acessibilidade nos primeiros projetos e, ainda que longe de alcançar um ideal, chega a um desenvolvimento das condições ambientais nos últimos anos. A CCMQ se destaca nesse sentido, porém apenas será possível confirmar que tenha ocorrido progressão se, para além das ações promovidas por iniciativa dos artistas, as condições de acessibilidades institucionais da casa forem incentivadas e continuadas pelos próximos governos. Em termos das condições de acessibilidade, o Instituto Ling possui uma excelente estrutura e, desde o início da parceria com o Diversos Corpos Dançantes, em 2016, os funcionários receberam o projeto demonstrando uma atitude positiva.

A ação dos projetos foi reforçando a necessidade de os teatros estarem preparados para receberem pessoas com deficiência nos seus palcos e não somente nas suas plateias. O Diversos Corpos Dançantes dançou na maioria dos palcos de Porto Alegre¹⁵, no Salão de Atos da UFRGS e em auditórios em diversos lugares da cidade e na UFRGS. A presença do trabalho continuado do grupo enfatiza e informa os lugares por que passa sobre a indispensabilidade de melhorias nas condições de acessibilidade. Além da conscientização, as mudanças dependem de planos administrativos continuados e das possibilidades de investimento dos

¹⁴ Disponível em: <<http://www.ccmq.com.br/site/?s=CENAS+DIVERSAS+%7C+Edição+CENA+ACESSÍVEL+>>. Acesso em: 13/01/2019.

¹⁵ Theratro São Pedro, Teatro Renascença, Teatro CCEE, Teatro Bruno Kiefer e Carlos Carvalho da CCMQ , Teatro do Centro Cultural Santa Casa.

lugares. Nas instituições de ensino federais o processo é demorado: na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS), sede do DCD, o elevador de acesso à sala Rítmica 1 foi inaugurado em 2018¹⁶.

Tabela 1

Projeto	Ano de realização	Cidade	Lugar	Órgão financiador e recurso financeiro	Apoiadores	Condições de acessibilidade
<i>Perspectivas: Instalações Coreográficas</i>	2011	Porto Alegre	Galeria Xico Stockinger, na Casa de Cultura Mario Quintana	Fumproarte 2010 Porto Alegre Valor recebido: R\$ 38.188,00 Valor total do projeto: R\$ 47.784,78	<ul style="list-style-type: none"> • MACRS • CCMQ • Associação de amigos da CCMQ • Evolução Produções • SATED - RS • Master Hotéis • Câmara Municipal POA (Sofia Cavedon) • Processo C3 • Indepin • Centro Meme • Galeria Mamute • Apema • Parangolé • Bar do Beto • Rest Moeda • Vila Imperatore • Villaró • Sul Fotos • Thippos • Revista online Inclusive 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em encontrar transporte privado; • Transporte público muito precário; • Edifício da CCMQ sem banheiro adequado para PcDs; • Pouca acessibilidade estrutural do prédio; • Pouca visibilidade de dançarinos com deficiência e pouca familiaridade do público com eles.

¹⁶ Quando foi realizada a ação de extensão [35751] AULA INAUGURAL ESEFID: A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA DANÇA.

					<ul style="list-style-type: none"> • Rumo Norte • TVE • Grupo RBS • TV e FM UNISINOS • FM Cultura • Clube do Assinante ZH 	
<i>Entradas, Saídas e Labirintos</i>	2012	Caxias do Sul	Sala de Teatro do Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho	Financiarte 2011 Caxias do Sul R\$ 20.640,00	<ul style="list-style-type: none"> • Cia Municipal de Caxias do Sul • Christina Nora Calcagnotto • Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho 	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço de estúdio acessível, localizado no piso térreo; • Ampla participação de PcDs nas oficinas; • Boa receptividade do público ao trabalho.
<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>	2013	Porto Alegre	Apresentações no Teatro Túlio Piva Ensaaios na Casa de Cultura Mario Quintana	FUNARTE - MINC R\$ 100.000,00	<ul style="list-style-type: none"> • Íris Produções • CCMQ • SATED RS • Grupo Signatores • Sintrajufe • Clube do Assinante • RBS TV • TVE • Canal Você • FM Cultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Bom espaço de estúdio com acesso por elevador, mas sem outras estruturas necessárias na CCMQ; • Na época, Túlio Piva era o único teatro público que possuía rampa de acesso ao palco, porém, além desta, não havia outras condições de acessibilidade.

<p><i>DCD - Diversos Corpos Dançantes</i></p>	<p>2014 a 2108</p>	<p>Porto Alegre</p>	<p>Oficinas realizadas regularmente na ESEFID, na CCMQ, no Instituto LING e esporadicamente em outros locais, como na Usina do Gasômetro</p> <p>Apresentações nos teatros Renascença, Carlos Carvalho, Bruno Kiefer, Teatro São Pedro, Salão de Atos UFRGS e em diversos auditórios em Porto Alegre.</p>	<p>UFRGS / Prorext</p> <p>Bolsa Prorext Concedidas: 10 (2 bolsas a cada ano, de 2014 a 2018)</p> <p>Beneficiários de bolsa Fomento 2016: 2 alunos 2017: 3 alunos 2018: 5 alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Curso de Graduação em Dança ESEFID/UFRGS • CCMQ • Instituto Ling • Íris Produções • Lucinda Produções • Iluminação Batista Freire • Quartz Iluminação/Kyrie Isnardi 	<ul style="list-style-type: none"> • Pouca acessibilidade estrutural na ESEFID, com melhoria em 2018; • Conscientização e aumento das condições de acessibilidade na CCMQ. Em 2017, iniciaram ações culturais de acessibilidade; • Precariedade de acessibilidade no prédio da Usina do Gasômetro; • Excelente estrutura no Instituto LING, conscientização e apoio dos funcionários.
---	----------------------------	---------------------	--	---	---	---

A Tabela 2 apresenta as diferentes características dos projetos, os objetivos e o alcance em relação aos dançarinos envolvidos e do público.

Tabela 2

Projeto	Elenco	Forma de seleção	Característica do projeto	Objetivos	Número de performances apresentadas
<i>Perspectivas: Instalações Coreográficas</i>	Carla Vendramin, Julie Cleves e Mickaella Dantas	Convite	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem de espetáculo profissional; • Educacional; • Formação de público. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma peça de qualidade com dançarinas com nível profissional; • Introduzir a dança com pessoas com e sem deficiência em Porto Alegre. 	8
<i>Saídas, Entradas e Labirintos</i>	<p>5 dançarinos profissionais da Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul: Alessandra Abrantes, Átila Muniz, Cristian Bernish, Janaína Silva Cruz e Uelinton Canedo.</p> <p>5 dançarinos com deficiência, iniciantes na dança: Andreia Gularte, Carlos da Silva Reche, Fernanda de Ribeiro Brazil, Mariana Tonin Bonato e Roberta Giovanaz Spader.</p>	Convite e seleção através de processo de oficinas de dança	<ul style="list-style-type: none"> • Processo educacional com oficinas de dança, associado à montagem de espetáculo; • Formação de público. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar oportunidade para PcDs, incentivando a formação em dança em um contexto de criação e comprometimento com os resultados cênicos; • Incentivar os dançarinos profissionais a experimentarem a dança com um grupo misto; • Proporcionar ao público uma experiência cênica e estética de qualidade. 	2

<p><i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i></p>	<p>Co-criação de Carolina Teixeira. Dançarinos: Carla Vendramin, Daniel Corrêa, Luciana Hoppe, Roberta Spader, Silvia Wolf e Thiago Rieth Atores: Plinio Marcos Rodrigues e Umberto Vinícius da Rosa (Grupo Signatores)</p>	<p>Convite e audição</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem de espetáculo profissional; • Formação de público com planejamento de acessibilidade associado ; • Oficina de dança paralela. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar uma peça de qualidade que envolvesse o público adulto e infantil; • Criar um trabalho com um alto nível de acessibilidade para o público. 	<p>10</p>
<p><i>DCD - Diversos Corpos Dançantes</i></p>	<p>O grupo se caracteriza por dançarinos com e sem deficiência, com variedade de idades, condições de deficiência e experiências, dançarinos iniciantes e experientes, estudantes e professores. A cada ano houve mudanças de elenco, do número de dançarinos no grupo e de alunos da</p>	<p>Atividades gratuitas e abertas sem seleção inicial para participação. O grupo principal se estabeleceu naturalmente com os dançarinos que permaneceram no projeto. A partir de 2016, o grupo de criação de</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de extensão universitária; • Dança na comunidade; • Educação; • Formação / treinamento / experimentação em dança através de um grupo regular contínuo e do oferecimento de oficinas periódicas; • Montagem de espetáculos e performances; 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o tripé pesquisa-extensão-docência universitária dentro da área de conhecimento dança e deficiência; • Desenvolver a dança com grupos mistos, processos artísticos e pedagógicos relacionados; 	<p>2014: 7 2015: 4 2016: 3 2017: 6 2018: 3¹⁸</p>

¹⁸ 2018: 1º FIDPOA (Theatro São Pedro), 2º Mostra Dança Acessível (Travessa Cataventos, CCMQ), Mostra de Processos Artísticos dos Projetos de Extensão do Curso de Dança ESEFID (Salão de Atos da UFRGS), Seminário de Extensão Universitária Região Sul (SEURS) (apresentação no saguão do Centro Cultural UFRGS) Abertura da Bial do Jogo (Salão de Eventos da Reitoria UFRGS). 2017: 1º Mostra Cena Acessível CCMQ, APAE Vila Nova, Mostra Espaço N, Abertura da Pós Graduação da FAGED/UFRGS, Abertura da Pós Graduação da Fisioterapia da UFRGS, Mostra de Processos Artísticos dos Projetos de Extensão do Curso de Dança ESEFID/UFRGS. 2016: V Encontro Estadual de Dança do RS, Abertura da Semana Estadual da Pessoa com Deficiência no Palácio do Judiciário, 1ª Mostra Gestos Contemporâneos, Theatro São Pedro. 2015: Mostra de Projetos de Extensão em Dança da ESEFID/UFRGS, Projeto Integre-se no Teatro do Centro Cultural da Santa Casa, Seminário Internacional de Lazer ESEFID/UFRGS, Theatro São Pedro. 2014: Travessa Cataventos da Casa de Cultura Mario Quintana, Praça da Alfândega, Semana Municipal da Pessoa com Deficiência na Usina do Gasômetro, Semana de Aniversário da Casa de Cultura Mario Quintana, Seminário da Conferência sobre Direitos das Pessoas com Deficiência na ESEFID/UFRGS, Teatro Carlos Carvalho, Encontro Estadual de Dança do RS.

	graduação em dança que se envolveram no projeto. ¹⁷	performances recebeu novos dançarinos apenas através de convite a pessoas que participavam das oficinas e que demonstraram interesse em se comprometer artisticamente com o grupo.	• Formação de público.	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar oportunidade para PcDs desenvolverem-se na dança; • Desenvolver ações com alcance comunitário e com alcance na cena da dança de Porto Alegre e região. 	
--	--	--	------------------------	--	--

Através das duas tabelas acima, podemos observar quais foram as estratégias desenvolvidas em relação ao escopo estrutural dos projetos. *Perspectivas: Instalações Coreográficas* (2011) tinha o objetivo de levar ao público um trabalho composto por um elenco de dançarinas experientes e por uma equipe de profissionais que pudessem dar conta de apresentar uma peça de ótima qualidade artística em um curto período de tempo. *Entradas, Saídas e Labirintos* (2012) desenvolveu um processo artístico visando proporcionar o envolvimento de dançarinos profissionais com grupos mistos e o desenvolvimento de pessoas com deficiência na dança. Foi um projeto com pouco recurso financeiro, no qual me encarreguei de executar algumas tarefas, tais como: criação da arte dos cartazes, divulgação, cenário, elaboração de um figurino usando as próprias roupas dos dançarinos. Todos os dançarinos da Cia Municipal de Caxias do Sul foram convidados, mas participaram aqueles que se interessaram pelo projeto. A seleção dos

¹⁷ No período entre 2014 e 2018, participaram das performances em diferentes momentos: Ana Carolina Brondani, Ana Medeiros, Anne Plein, Adronilda Conceição, André Olmos, Bianca Bueno, Carla Vendramin, Cleonice Conceição, Daniel E. Fagundes, Daniela Cezar, Ferhi Mahmood, Marco Filipin, Mickaella Dantas, Gessi Lopes, Gustavo L. Pires, Guaraci Oliveira (Bróder), Julia Favero, Katie Niedmeir, Laura Bernardes, Leila Mylius, LetíciaMoreira, Lucas Reis Velho, Luciana Hoppe, Maíra Oliveira, Maria Alves, Maria Helena Magnus, Marta Scheider, Miriam Niedermeier, Patrícia Guterrez, Priscila Auler, Roberta Spader, Robson Duarte, Rogério P. França, Rosane Favero, Rosaura Severo, Tatiana M. Lima, Thais Petzhold, Thamires Marchetti, Vera Carvalho e Vera Coronel. Músicos: Hugo Varella, Felipe Adami e Ricardo Winkelmann. Banda Novo Circo Cia de Dança: Gabriel Grillo, Guilherme Guinalli, Gustavo Margarida, Mauro Pogorelsky, Paula Finn e Zé Paulo Barcelos.

dançarinos com deficiência foi através de uma série de oficinas abertas e gratuitas. Como estratégia de alcance de um público maior, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2013) foi criado com a intenção de ser uma performance para crianças de todas as idades. Foi o projeto que contou com um maior número de recursos de acessibilidade, pois o apoio financeiro recebido possibilitou a realização completa do seu planejamento. A peça foi baseada em uma obra literária infantil de Jorge Amado bastante conhecida no Brasil, de título homônimo ao espetáculo. Além do direcionamento ao público em geral, a divulgação foi realizada em vista de atingir públicos específicos de acordo com os recursos de acessibilidade presentes em diferentes dias de apresentação. O projeto contou com dançarinos experientes com e sem deficiência e foi reconhecido pela comunidade do teatro porto-alegrense, recebendo o Prêmio Tibicuera de Teatro Infantil 2013 para Melhor Direção, Carla Vendramin e Plínio Marcos, e Melhor Iluminação, Bathista Freire. A parceria com o grupo de teatro de atores surdos Signatores, dirigido por Adriana Somacal, possibilitou uma proposta de interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que foi feita com a participação de um dos atores em cena. Em vez de uma simples tradução para LIBRAS, a interpretação exigiu pensar a cena técnica e criativamente, contando com a equipe de profissionais do Signatores para estudar o significado de palavras e gestos e a interação cênica entre os dois atores, entre a língua verbal e a língua de sinais. A apresentação com LIBRAS foi feita em um dos dias em que a divulgação foi direcionada a surdos e, por isso, também foram convidados alunos do Colégio Concórdia. O processo de seleção dos dançarinos se deu através tanto de convite quanto de audição. A criação do espetáculo foi um processo colaborativo, facilitado por Carolina Teixeira.

A Tabela 3 apresenta as ações educacionais e de acessibilidade de cada projeto.

Tabela 3

Projeto	Ações educacionais	Ações de acessibilidade
<i>Perspectivas: Instalações Coreográficas</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Duas oficinas de dança gratuitas; • Dois dias de debates pós-performance; • Oficinas e visitas realizadas em instituições de PcDs antes do início do projeto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dois de apresentações gratuitas; • Desconto para PcDs e idosos; • Agendamento para grupos de pessoas com deficiência; • Preço de ingresso acessível.
<i>Entradas, Saídas e Labirintos</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas de dança gratuitas; • Um dia de debate pós-performance; • Visita a instituições de PcDs e convite para participar das oficinas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tradução de língua de sinais inserida dentro da cena; • Espetáculo com entrada gratuita.
<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Oficina de dança gratuita; • Ensaios abertos com conversa com o público; • Ensaio em uma escola de Ensino Fundamental em Guaíba. 	<ul style="list-style-type: none"> • Performance com língua de sinais integrada dentro da cena e feita em parceria com o Signatores (grupo de teatro de atores surdos); • Performance com audiodescrição, com um dia para receber o público antes da apresentação para tocar o cenário e conversar; • Um dia de performance com projeção de subtítulos; • Divulgação ao público geral e divulgação direcionada a públicos específicos, escolas, instituições de PcDs; • Dias de apresentações gratuitas direcionadas a escolas e PcDs, incluindo o “Dia da Criança”; • Preço de ingresso acessível.

<p><i>DCD - Diversos Corpos Dançantes</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ampla participação da comunidade em geral e da comunidade acadêmica; • Informação e formação para a dança com grupos de habilidades mistas; • Formação e experiência de estudantes de graduação e pós-graduação; • Grupo de estudos envolvendo os alunos da UFRGS e participantes do DDC; • Interconexão entre pesquisa-docência-extensão através das ações do projeto; • Processos criativos e colaborativos de dança; • Envolvimento de artistas colaboradores de fora da universidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhora da percepção social e da auto-imagem de PcDs como dançarinos; • Popularização da dança com grupos mistos e estímulo a dançarinos sem deficiência a experimentarem processos de criação juntos; • Desenvolvimento de processos participativos; • Estímulo ao exercício de autonomia; • Quebra de padrões de conceitos fechados sobre deficiência através de ações em apresentações artísticas, oficinas e seminários, • Conscientização sobre as necessidades de melhora de acessibilidade em teatros, estúdios de dança e centro culturais para receberem dançarinos com deficiência.
---	---	--

Durante oito anos foram oferecidas anualmente oficinas de dança na CCMQ para grupos mistos, de forma ampla e gratuita, de acordo com as características individuais dos projetos, e também oficinas esporádicas em outros lugares. Foram realizadas oficinas regulares no Instituto Ling, que iniciaram em 2016. A Tabela 4 mostra o resumo das metodologias, a quantidade e o número de participantes das oficinas. De 2011 a 2013, os projetos foram desenhados de forma a produzir processos com criação artística e apresentações por um determinado número de dançarinos, ao mesmo tempo em que ofereciam oficinas de dança a um número maior de participantes. Os projetos atuaram em diversas frentes: no desenvolvimento artístico de trabalhos em dança com grupos mistos; na formação de público para a apreciação desses trabalhos; na promoção de debates entre artistas e público; no incentivo à experimentação e ao treinamento em dança; no estímulo a dançarinos de nível profissional ao interesse pela proposta; na possibilidade de participação de muitas pessoas de variadas idades sem experiência prévia em dança; e na criação de espaço na cena de dança de Porto Alegre. Esses objetivos continuaram presentes com a criação do projeto Diversos Corpos Dançantes, em 2014, porém, enquanto ação de extensão universitária, seu âmbito de alcance foi estendido e seu escopo de atuação se constituiu de forma diferente.

Tabela 4

Projetos	Metodologia das oficinas	Número de oficinas oferecidas	Número de participantes
<i>Perspectivas: Instalações Coreográficas</i>	<p>Improvisação em dança com tarefas de movimento e diretrizes acionadas com relações espaciais na Galeria Xico Stockinger nos dias 19 e 20 de abril de 2011.</p> <p>Improvisação em dança com uso de objetos, qualidades e princípios de movimento, relações de composição entre os dançarinos nos dias 25 e 26 de junho de 2011.</p>	4 oficinas.	19 de abril: 18 pessoas; 20 de abril: 11 pessoas; 25 de junho: 19 pessoas; 26 de junho: 13 pessoas.
<i>Entradas, Saídas e Labirintos</i>	<p>As oficinas abertas eram de improvisação, fazendo uso de input sensorial tátil e auditivo, objetos e imagens, conectividade e percepção das relações de composição.</p> <p>As oficinas de criação coreográfica para o grupo fechado de dançarinos eram baseadas na técnica de Release e de Humphey, com variações da velocidade, composição e arranjo espacial das sequências.</p>	8 oficinas de dois dias cada.	Registro não encontrado. Estimativa de 15 a 30 pessoas em cada oficina.
<i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>	Improvisação em dança baseada em uma variedade de tarefas de movimento, relações entre os dançarinos e criação cênica.	Oficina contínua e gratuita de 6 meses, aos sábados, durante o período de montagem do espetáculo.	Cerca de 15 - 20 pessoas.

<p><i>DCD - Diversos Corpos Dançantes</i></p>	<p>Improvisação em dança através da relação corpo-outro-espço. Sensibilização para a conectividade entre os participantes a partir da pergunta “o que podemos construir juntos?”. As diretrizes foram desenvolvidas em camadas, facilitando caminhos de percepção e criação. A partir dessa base, se usou uma variedade de conteúdos provenientes da dança, como contato, uso de som e imagens, objetos relacionais e cênicos, e, por vezes, outras atividades, como oficinas de palhaçaria.</p>	<p>2014: Oficina regular de abril a dezembro na CCMQ; 2015: Oficina regular de março a dezembro na CCMQ; 2016: Oficina regular de março a junho na CCMQ. Oficina aos sábados no Instituto Ling, realizada uma em novembro e uma em dezembro; 2017: Oficina do Dia Internacional da Dança em parceria com artistas da Sala 209 da Usina do Gasômetro em 29 de abril. Oficinas no Projeto Dancei em Caxias do Sul. Oficinas aos sábados no Instituto Ling, uma vez ao mês, nos meses de junho, agosto, setembro e dezembro. Oficina no projeto Cena Acessível – Cena Diversa na CCMQ em julho. Oficinas uma vez ao mês, aos sábados na CCMQ, nos meses de outubro e novembro. Oficina “ a arte da palhaçaria” para integrantes do DCD, ministrada por Aridne Antico, Diogo Cábuli e Renato Junior na CCMQ; 2018: Oficina regular na CCMQ, Oficinas um sábado ao mês no Instituto Ling de março a dezembro. Oficina no projeto Cena Acessível – Cena Diversa na CCMQ.</p>	<p>2014: 23 participantes / 6 equipe de trabalho; 2015: 20 participantes / 8 equipe de trabalho / fluxo de participantes esporádicos não registrado; 2016: 15 participantes / 15 equipe de trabalho. Participantes esporádicos e das oficinas no Instituto Ling não registrados; 2017: 12 participantes / 31 equipe de trabalho / número total de participantes das oficinas abertas não registrado. Oficinas no Instituto Ling: 109; 2018: 14 participantes / 9 equipe de trabalho. Oficinas no Instituto Ling: 214</p> <p>As informações provindas dos documentos de relatórios de extensão mostram apenas o número de participantes que fizeram parte do grupo principal de criação artística e a equipe de trabalho. A participação nas oficinas abertas e o número de participações esporádica não foram registrados, com exceção de 2017, onde existiu um registro de extensão específico para o projeto no Instituto Ling. Em 2018, o número de participantes foi registrado pelo próprio Instituto Ling.</p>
---	--	--	--

Enquanto a parte de criação artística dos três primeiros projetos teve direcionamento à participação de artistas profissionais da dança, as ações e criações artísticas do DCD promoveram a participação de pessoas indistintamente de suas experiências prévias em dança. O DCD foi se estabelecendo com a constituição de um grupo central de um número flutuante de dançarinos que desenvolveu as produções artísticas e uma série de ações e oficinas voltadas à informação e à formação da dança com grupos mistos, as quais atingiram um grande número de pessoas. A tensão do que é amador e do que é profissional está sempre presente no grupo. Os participantes são amadores, dançarinos experientes e inexperientes, alunos universitários e alguns artistas profissionais da dança. Apesar de não ser um grupo profissional, a atitude de profissionalismo é exigida aos dançarinos que participam das produções artísticas. Algumas discussões sobre essas questões são constantemente acionadas e tensionadas.

A cada ano, as produções artísticas tiveram focos, objetivos e estratégias diferentes com a participação dos dançarinos que permaneciam no grupo, de artistas colaboradores que passaram por ele e de novos dançarinos. O grupo central do DCD foi se desenvolvendo por meio de um processo participativo, o qual se intensificou a partir de 2016, quando foi iniciada a construção de um sonho comum a todos os participantes, mediante a metodologia de Dragon Dreaming, facilitada por Pedro Lunar¹⁹, e com o início dos grupos de estudo em docência e de processos organizacionais. Em 2017, o grupo discutiu questões sobre autonomia fazendo um seminário em que o Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS²⁰ foi convidado a participar. Esse foi um período em que o grupo fechou a entrada para novos participantes e focou em desenvolver processos internos de organização, ministrou oficinas em uma variação maior de lugares e propôs aulas de intercâmbio de experiência com outros projetos de extensão do curso de dança (Ballet da UFRGS e Dança & Parkinson). As conversas desse ano definiram quatro princípios norteadores para o grupo: i) a arte como suficiência; ii) o corpo como suficiência; iii) a prática de autonomia; e iv) o desejo de dançar como gerador de pulsão e impulsão. Em 2018, o grupo iniciou o ano recebendo o Prêmio Açorianos de Destaque em Dança Contemporânea da Secretaria

¹⁹ Psicólogo, mestre em psicologia social e institucional, na época, aluno no Curso de Teatro no Departamento de Artes Dramáticas na UFRGS.

²⁰ Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/incluir/>>. Acesso em: 17/02/2019.

Municipal de Cultura de Porto Alegre (SMC/PMPA). O desenvolvimento em docência e em processos organizacionais resultou em uma tomada de gerenciamento e responsabilidade maior por parte dos alunos monitores, que, nesse ano, ministraram todas as aulas do grupo, as oficinas do Instituto Ling e coreografaram o DCC. Em 2019, o grupo iniciou um novo ciclo, sob coordenação do professor Márcio Pizarro Noronha. A atuação dos projetos apresentados e a ação de continuidade do grupo Diversos Corpos Dançantes tem desempenhado importante papel na promoção de mudanças culturais em Porto Alegre em direção ao conhecimento do campo da dança e deficiência enfatizando o importante papel das artes e do aprofundamento da prática performativa na dança.

A COLABORAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DO RS PARA O CAMPO

As Diretrizes para Extensão na Educação Superior Brasileira do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024, Lei nº 13.005/2014) regulamentam as atividades acadêmicas de extensão nos cursos de graduação, trazendo uma política voltada para o alcance, compartilhamento e desenvolvimento do conhecimento através das ações de extensão. As diretrizes que constituem a estrutura prática e conceitual da extensão apontam para os seguintes itens (Parecer CNE/CES Nº 608/2018 aprovado em 03/10/2018, processo 23001.000134/2017-72):

1. A interação da comunidade acadêmica com a sociedade por meio do diálogo, da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas no contexto social;
2. A formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;
3. A produção de mudanças na própria instituição superior e nos setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimento, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;
4. A articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada no processo pedagógico único, interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico.

A extensão nas universidades federais brasileiras vem desempenhando um papel bastante central ao promover inovação em diversos campos do conhecimento. Os cursos de graduação em dança nas universidades federais no RS são recentes: completaram

10 anos na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – com lançamento em 2008 e início da primeira turma em 2009 – e cinco anos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – com início em 2013. O curso de dança da UFRGS está alocado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). Além dos cursos de dança nas universidades federais, o RS possui um curso de dança em uma universidade estadual, a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). As universidades privadas de Caxias do Sul (UCS) e de Canoas, Universidade Luterana Brasileira (ULBRA) atualmente não possuem cursos de graduação ou curso tecnológico de dança ativos, porém, também entraram nessa pesquisa. Em seguida, iremos observar como o campo relacionado à dança e deficiência vem se desenvolvendo nas universidades do RS.

A Tabela 5 apresenta as universidades, as cidades e os anos de início dos cursos de graduação com seus respectivos projetos de extensão, divididos em grupos específicos e mistos. Foi encontrado um número total de dez ações de extensão relacionadas ao campo da dança e deficiência, sendo que seis projetos foram realizados com grupos específicos (direcionados para pessoas de uma determinada deficiência) e quatro com grupos mistos de pessoas com e sem deficiência. Desses dez, atualmente, estão ativos três projetos com grupos mistos (dois na UFSM e um na UFRGS) e um projeto com grupo específico (na UFRGS). Os projetos de extensão encontrados estão presentes nas universidades federais, com exceção da instituição de ensino privada ULBRA. Como será visto aqui, mesmo não havendo projetos de extensão relacionados, todas as universidades tem desenvolvido ações pedagógicas que envolvem o tema deficiência. O fato de não encontrar projetos de extensão na universidade privada UCS e na universidade estadual UERGS é decorrente de um quadro pequeno de professores, cuja demanda de atividades nos cursos completa toda sua carga horária de trabalho. A grande demanda de trabalho administrativo, além da docência e da pesquisa, é também um fator que interfere no número e na continuidade dos projetos de extensão propostos por professores das universidades federais. O fluxo de projetos depende do quadro de professores, condições e demanda de trabalho exibida nos cursos em diferentes períodos, questões as quais não são abordadas nesta pesquisa.

Tabela 5

Universidade Curso Ano de início do curso Cidade	Projetos com grupos mistos de pessoas com e sem deficiência	Professora coordenadora	Período de realização	Projetos específicos (grupos específicos de pessoas com deficiência)	Professora coordenadora	Período de realização
UFSM Curso de Bacharelado em Dança 2013 Santa Maria	Projeto Um corpo no mundo: experimentações performáticas	Heloisa Gravina (Dança) e Andréa do Amparo Carotta de Angeli (Terapia Ocupacional)	Início em 2015 (ativo)	-	-	-
UFSM Curso de Licenciatura em Dança 2013 Santa Maria	Dança e Corpos Diversos	Mara Rubia Alves da Silva e Monica Borba	2013 (decorrente do projeto Extremus, criado em 2001) (ativo)	-	-	-
ULBRA Curso Tecnológico em Dança 2003 e Licenciatura em Dança 2007 a 2017 Canoas	-	-	-	Grupo Down up (parceria com o CEAMA - Centro de Atividade Motora Adaptada do Curso de Educação Física, coordenado por Roselaine Dill). Dança e Acessibilidade para Deficientes Auditivos e Surdos	Em diferentes períodos, coordenados pelas professoras: Lúcia Brunelli, Cibele Sastre e Carla Vendramin Aulas ministradas por Carmem Lucia Pretto Stodolni	2012 a 2016

UFRGS Curso de Licenciatura em Dança 2008 Porto Alegre	Diversos Corpos Dançantes	Carla Vendramin	Início em 2014 (ativo)	Viver faz a diferença	Lisete Vargas e Vera Rocha	2008 a 2012
				Dança para pacientes de AVC	Aline Hass (Silvia Wolf)	2011 a 2013
				Dança & Parkinson	Aline Haas	Início em 2016 (ativo)
UFPEL Curso de Licenciatura em Dança 2008 Pelotas	Poéticas da Diferença	Eleonora Santos	2010 a 2015	Ensaio Artístico Clínico com intervenções pedagógicas em dança/movimento para crianças e adolescentes autistas	Silvia Wolf	Março/2011 a Julho/2012

Segundo a coordenadora Sílvia da Silva Lopes, o curso de dança da UERGS iniciou em 2002 com um currículo que possuía uma disciplina voltada ao ensino de pessoas com deficiência, a qual foi ministrada pela professora Flávia Pilla do Vale. Em 2006, o curso passou por uma reforma curricular, e essa disciplina foi retirada da grade. O conteúdo sobre pessoas com deficiência na dança passou a ser inserido na ementa da disciplina de Metodologia de Ensino da Dança II, ministrada pela professora Aline da Silva Pinto, e passando também por Metodologia de Ensino da Dança I, ministrado pela própria Sílvia. Atualmente, os cursos de artes da UERGS (Dança, Música, Artes Visuais e Teatro) estão em fase de discussão sobre a possibilidade de introduzir uma disciplina transversal, compartilhada entre os quatro cursos. Sílvia conta que, devido à grande demanda de trabalho para um grupo de apenas cinco professores do curso de dança, a UERGS não tem desenvolvido projetos de extensão voltados a PcDs. Porém, os alunos trabalham esse conteúdo durante as disciplinas, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e em trabalhos de

conclusão de curso. Os alunos são estimulados a pesquisarem suas criações coreográficas, como é o caso da aluna Vitória Luara da Silvia, que apresentou a coreografia *Desvende-se* na programação do Dia da Dança realizada na Usina do Gasômetro pelo Coletivo de Artistas da Sala 209, em 2017.

A UCS não possui projeto de extensão próprio, porém tem colaborado para o desenvolvimento de projetos fornecendo sua estrutura física e também com o apoio de seus professores através dos cursos. A professora Magda Belini foi precursora de um projeto de dança com cegos que iniciou em 2009 no curso de Educação Física. As ações de dança e pessoas com deficiência na UCS envolveram a Especialização em Corpo e Cultura: Ensino e Criação através do trabalho de conclusão de curso desenvolvido por Luis André Cancian entre 2007 e 2009. O Curso Tecnológico em Dança foi criado em 2014 e finalizado em 2016 devido a uma extinção de todos os cursos tecnológicos do Brasil naquela época. Nesse curso, Magda orientou a monografia de Roberta Spader e coordenou e ministrou aulas no Atelier Coreográfico (2014), projeto ligado ao Grupo Articulações/UCS, aberto a todos os corpos, onde Uelinton Canedo também era professor. Roberta Spader e Renata Gularte recebem apoio da estrutura física da universidade para as atividades da L'Aqua, uma associação que promove diversas atividades para pessoas com deficiência, incluindo dança. Roberta destaca-se no RS por ser uma artista com deficiência que descobriu a dança com 22 anos de idade e investiu na sua profissionalização. Hoje, além de colaborar com a L'Aqua, ela coordena seu próprio estúdio de dança, onde realiza suas criações coreográficas e oferece aulas de várias modalidades ministradas por ela e por outros professores. Roberta tem participado de projetos de dança com coreografias de outros artistas e também tem promovido seus próprios projetos dentro de seu estúdio.

O curso de dança da ULBRA iniciou como tecnológico em 2003 e se tornou licenciatura em 2007. O curso foi fechado em agosto de 2017, porém a última turma se formará em agosto de 2019. A ação de extensão do grupo de dança Down-Up, com pessoas com síndrome de Down, foi desenvolvida em parceria com o Centro de Atividade Motora Adaptada (CEAMA), coordenado pela professora Roselaine Diehl, do Curso de Educação Física. A ação de extensão Dança e Acessibilidade para Deficientes Auditivos e Surdos foi realizado em parceria com o Colégio Concórdia, uma instituição de ensino para surdos da ULBRA. Na época, como aluna do curso de dança, Carmem Lucia Pretto Stodolni era bolsista de extensão, responsável por ministrar as aulas. O início da parceria

do curso de dança com o projeto do CEAMA ocorreu no ano de 2012, com a participação de estagiários da dança no grupo Down Up. No mesmo período, foi efetivado o projeto de extensão do curso de dança com o Colégio Concórdia, ambos então coordenados pela professora Cibele Sastre (2012-2013), por mim no curto período em que fui professora da ULBRA (2013/2) e, posteriormente, pela professora Maria Lucia Brunelli (2014-2016), responsável pela emergência de projetos e parcerias desde antes de sua efetivação.

Na UFPEL, o projeto Ensaio Artístico Clínico com Intervenções Pedagógicas em Dança/Movimento para Crianças e Adolescentes Autistas, coordenado pela professora Silvia Wolf, foi realizado de 2011 a 2012 através de uma parceria iniciada pelo Dr Danilo Rolim de Moura entre o curso de dança e o Centro de Neurodesenvolvimento da Faculdade de Medicina. A dança foi utilizada como intervenção pedagógica tendo em vista o aprimoramento das relações interpessoais entre indivíduos do espectro autista e seu círculo social. As atividades foram pensadas tomando por base alguns pressupostos de Rudolf Laban no que se refere a ações e qualidades variadas de movimento. Segundo a professora Silvia Wolf, ainda que em uma fase inicial de análise de dados, os resultados preliminares ofereceram uma série de reflexões que apontaram para a formatação de estratégias e atividades educativas em dança para esse público específico.

O projeto de extensão Poéticas da Diferença, coordenado pela professora Eleonora Santos entre 2010 e 2015, foi realizado com crianças que não necessariamente tinham um número de Classificação Internacional de Doenças (CID), mas que eram encaminhadas ao Centro de Atendimento a Saúde Escolar da Prefeitura de Pelotas (CASE) devido a dificuldades de comportamento e relacionamento e dificuldades de aprendizado decorrentes. A partir desse projeto, entre maio e dezembro de 2015, uma das alunas do curso, Luana Arrieche, atuou como monitora de extensão e desenvolveu um trabalho junto à Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJADE), sob a orientação da professora Maiara Gonçalves. Neste grupo de jovens e adultos, durante o segundo semestre de 2018, a primeira aluna com deficiência intelectual, recebida no Curso de Dança da UFPEL no primeiro semestre de 2013, Geovana da Silva Carvalho, realizou seu estágio docente curricular sob a orientação da professora Andrisa Zanella.

O currículo do referido curso apresenta conteúdos relacionados à dança e a pessoas com deficiência de forma transversal, junto às disciplinas de pedagogia e às orientações de estágio. Além disso, possui uma disciplina optativa direcionada ao tema, chamada Dança, Acessibilidade e Inclusão. Segundo a professora Eleonora Santos, a questão da dança e deficiência é, atualmente, uma realidade no curso, que se efetivou há seis anos, a partir do recebimento da aluna com um déficit cognitivo importante, e que se desdobrou com a chegada de outra aluna, que possui síndrome de down, em 2018. Tal contexto tem provocado os professores a repensarem a estrutura das suas aulas e os métodos de avaliação e faz com que a comunidade acadêmica do Curso desenvolva, dia-a-dia, estratégias de reorganização de trabalho e relações. O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI)²¹ oferece um acompanhamento importante aos alunos com deficiência: através de um programa de tutoria, os colegas atuam colaborando no processo de aprendizagem desses alunos. A professora Eleonora diz que o aprendizado está entre alunos e professores tanto na rotina diária como também no pensar outros contextos e entender questões sobre vulnerabilidade, estética e sobre as especificidades de outros corpos.

A UFSM possui um curso de bacharelado em dança e outro de licenciatura em dança. O curso de bacharelado possui o projeto de extensão Um Corpo no Mundo: Experimentações Performáticas, coordenado pelas professoras Heloisa Gravina (Dança) e Andréa do Amparo Carotta de Angeli (Terapia Ocupacional). O projeto, iniciado em 2015, é uma ação do Laboratório Espaço Corpo do núcleo transdisciplinar de estudos em dança e terapia ocupacional e realiza práticas de experimentações somáticas.

O projeto de extensão Dança para Pessoas com Deficiência Física foi criado em 2001 no curso de Educação Física da UFSM, na época, através do interesse acadêmico de Caren Bernardi do curso de Fisioterapia e de Martini Dornelles do curso de Educação Física, com a coordenação da professora Mara Rubia Alves da Silva. A partir desse projeto foi criado o grupo de dança sobre rodas Extremus. Inicialmente, o grupo contava com a participação de três cadeirantes e três andantes. Em 2013, o projeto passou a fazer parte do departamento de dança, a partir da criação do curso de licenciatura. Nesse momento, recebeu o nome de Dança e Corpos

²¹ Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/nai/>>. Acesso: em 18/02/2019.

Diversos, porém continuou contando com a participação do grupo Extremus. Atualmente, o grupo é formado por 18 alunos/participantes com várias deficiências e suas famílias, 20 acadêmicos/acadêmicas de vários cursos – como Dança (licenciatura e bacharelado), Educação Física (licenciatura e bacharelado), Terapia Ocupacional, Pedagogia, Educação Especial, Fisioterapia, Matemática, Artes Cênicas –, e conta com a coordenação das professoras Mara Rubia Silva e Mônica Borba. O projeto segue um direcionamento multidisciplinar, com compartilhamento de saberes e reuniões semanais de avaliação e planejamento além da participação em eventos artísticos e científicos. Segundo a professora Mara Rubia, o projeto busca a inclusão, a visibilidade de todos os corpos, do fazer da arte/educação e a divulgação da arte produzida a partir da construção coletiva. A partir de 2013, com a disciplina Dança e Inclusão, obrigatória aos alunos da licenciatura em dança, o projeto tem colaborado em oportunizar formas de reflexão e ações sobre temas pertinentes à diversidade e à inclusão.

Dança e Diversos Corpos (UFSM) e Diversos Corpos Dançantes (UFRGS) possuem características e enfrentam questões semelhantes. A professora Maria Rubia conta que era comum a plateia reagir aos espetáculos com emoção exagerada, com sentimentos atachados à percepção de superação da deficiência. Os próprios dançarinos começaram a questionar isso com o passar do tempo, pois queriam ser reconhecidos e aplaudidos pelo seu propósito artístico. Mara Rubia diz que, atualmente, talvez pelo fato do grupo ser mais conhecido e divulgado pela mídia, o público reconhece o trabalho artístico e se emociona com ele e não com a pressuposta superação dos dançarinos. No início houve uma certa resistência dos familiares e mesmo da instituição que, apesar da vontade de ver seu sucesso, tinham desconfiança de que o projeto fosse dar certo. Parte dos locais onde o grupo ensaia não possui acessibilidade. Os participantes chegam aos encontros com transporte próprio, trazidos pelas famílias.

O primeiro projeto envolvendo PcDs na dança na ESEFID/UFRGS foi iniciado pela professora Vera Rocha, do Curso de Fisioterapia, e também coordenado pela professora Lisete Vargas, do Curso de Dança, entre 2008 e 2012. A professora Lisete conta que o projeto Viver Faz a Diferença foi direcionado primeiramente para cegos e depois se experimentou o desafio de ampliar as atividades também para pessoas com outras deficiências. O projeto Dança para Pacientes de AVC, coordenado pela professora Aline Haas, teve a colaboração de Silvia Wolff. O objetivo do projeto foi o de promover a qualidade de vida dos participantes através

da dança. O projeto contava com alunos da graduação, integrando extensão e pesquisa, qualitativa e quantitativa. Também com o objetivo de promover a qualidade de vida, a professora Aline Haas criou o projeto chamado Dança para Pacientes com Doença de Parkinson, em 2016, que mudou seu nome para Dança & Parkinson a partir da sua 4ª edição, em 2019. A base das aulas é a dança em pares (farró, samba e outros ritmos), com movimentos na posição sentada, no início da aula, seguidos de movimentos baseados no balé, feitos na barra, e da dança em pares. Esse projeto está vinculado ao Programa de Pesquisa e Tratamento para o Parkinson (PPT Parkinson), que envolve também as áreas de educação física e fisioterapia na ESEFID. O objetivo é comparar o efeito de diferentes atividades nos parâmetros motores e não motores da doença de Parkinson, verificando as diferenças entre dança, jogging aquático e caminhada nórdica. Dança & Parkinson conta com a participação e pesquisa das alunas de pós-graduação Marcela dos Santos Delabary e Rebecca Gimenes Donida, além de alunos de graduação.

Dança & Parkinson e Diversos Corpos Dançantes estão atualmente vigentes na ESEFID/UFRGS, ambos com projetos de pesquisa associados²². Os projetos fazem parte dos conteúdos da graduação nas disciplinas Campos Profissional de Dança e Estudos em Dança, Corporeidade e Saúde I, que foram ministrados pela professora Aline Haas e por mim. Além dessas disciplinas e da participação direta nos projetos, durante o curso, os alunos tem oportunidade de desenvolverem o tema dança e deficiência também através da disciplina de Estágio em Projetos e de conteúdos transversais de outras disciplinas, dos estágios curriculares, do PIBID e de trabalhos de conclusão de curso. Apesar de existirem projetos de extensão e um currículo fortemente atuantes, há esferas que podem ser ampliadas, especialmente com relação ao recebimento de alunos com deficiência no curso e com relação à iniciativa de trabalhos artísticos dos próprios discentes.

Os projetos de extensão das universidades, com grupos mistos ou específicos, possuem objetivos distintos quanto ao que estão oferecendo aos seus participantes. O mote de Poéticas da Diferença e Ensaio Artístico Clínico (UFPEL) foi de desenvolvimento pedagógico. Viver faz a diferença, Dança para pacientes de AVC e Dança & Parkinson (UFRGS) estiveram voltados a questões de

²² No período entre 2014 e 01/2009, o DCD estava associado ao projeto 28052 - A DANÇA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E GRUPOS DE HABILIDADES MISTAS.

saúde como forma de tratamento e melhora da qualidade de vida. Diversos Corpos Dançantes (UFRGS), Dança e Diversos Corpos (UFSM - licenciatura), Projeto Um Corpo no Mundo (UFSM - bacharelado), Grupo de Dança DownUP e Dança com Surdos (ULBRA) se caracterizam por desenvolverem processos e performances artísticas. As ações propostas nas universidades demonstram que existe um fluxo contínuo de trabalhos na área da dança e deficiência no RS, dentro do recorte feito nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo; LIMA, Ricardo (Coord.). **Nada Sobre Nós Sem Nós: relatório final**. Oficina Nacional. Coordenado por Paulo Amaral e Ricardo Lima. Rio de Janeiro, 2009.
- BORGES, Jorge Amaro de Souza. **Políticas da Pessoa com Deficiência no Brasil: Percorrendo o Labirinto**. 2018. 427fl. Tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas, Porto Alegre/RS, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181459>> Acesso em: 12/02/2019.
- DINIZ, Débora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sur/v6n11/04.pdf>>. Acesso em: 12/02/2019.
- MILLETT-GALLAT, Ann. **The Disabled Body in Contemporary Art**. Palgrave Macmillan: New York, 2010.
- TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **A Estética da Experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos**. 2016. 239fl. Tese de doutorado. Orientadora: Maria Albertina Silva Grebler. Escola de Dança/Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2016.
- _____. Impossible Dances: Staging Disability in Brazil. **Choreographic Practices**. vol 6., nº 1, 2015. p. 9-23.
- _____. **Deficiência em cena**. 1º edição. João Pessoa: Ideia, 2011.
- _____. Deficiência em Cena: o corpo deficiente entre criações e subversões. **O Mosaico**. Rev Pesquisa em Artes/FAP, Curitiba, n.3, jan/junho 2010. p. 1-9.
- VENDRAMIN, Carla. Diversas Danças - Diversos Corpos: discursos e práticas da dança no singular e no plural. **Revista do Corpo: Ciências e Artes**. Caxias do Sul, v. 1, n. 3, 2013. p. 1-18.